

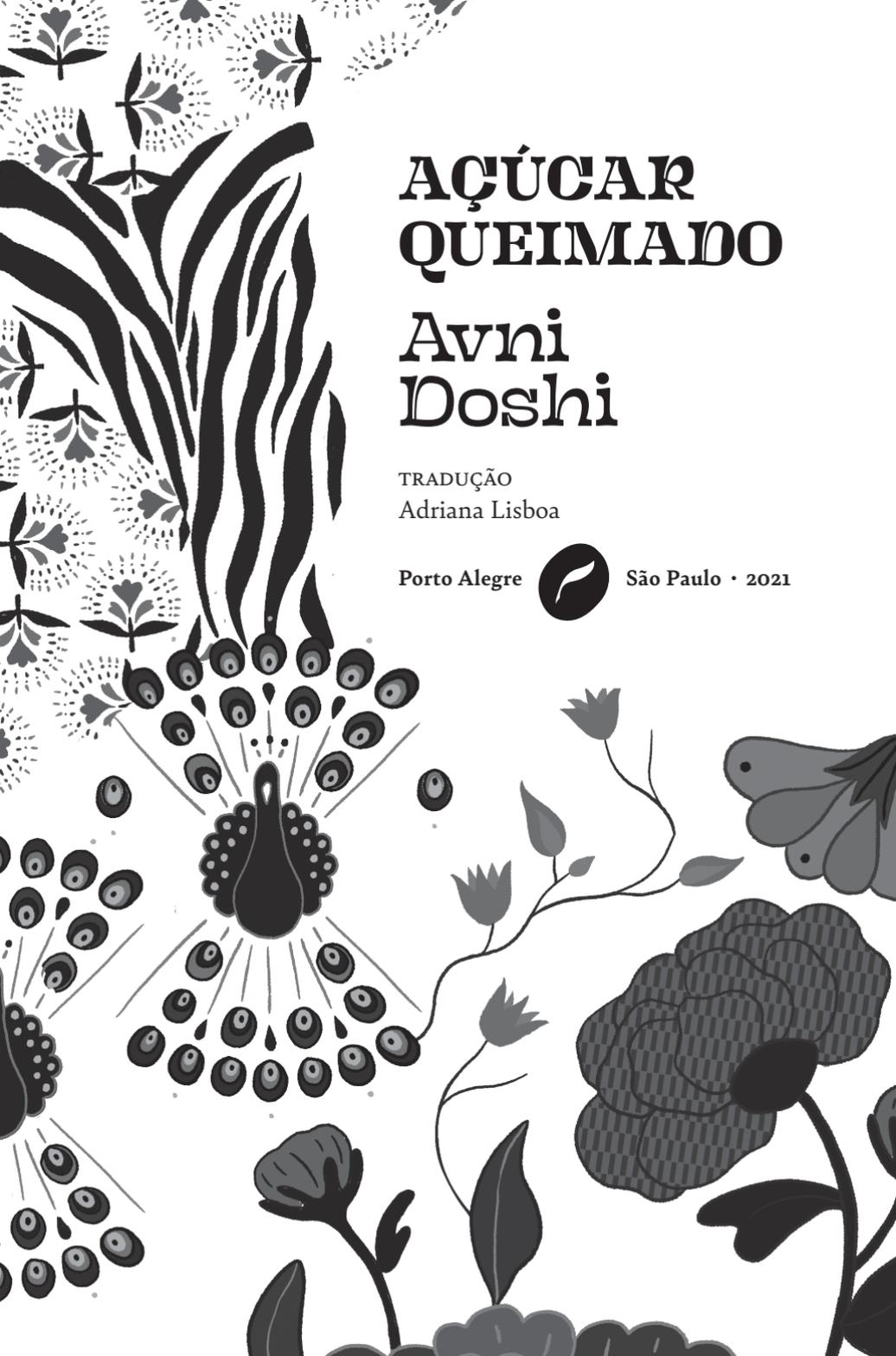


AVNI  
DOSHI

finalista  
Booker  
Prize

AÇÚCAR  
QUEIMADO





# AÇÚCAR QUEIMADO

Avni  
Doshi

TRADUÇÃO  
Adriana Lisboa

Porto Alegre



São Paulo • 2021

Copyright © 2020 Avni Doshi  
Edição publicada mediante acordo  
com Pontas Literary & Film Agency  
Título original: *Burnt sugar*

**CONSELHO EDITORIAL** Gustavo Faraon e Rodrigo Rosp  
**PREPARAÇÃO** Julia Dantas e Rodrigo Rosp  
**REVISÃO** Raquel Belisario  
**CAPA E PROJETO GRÁFICO** Luísa Zardo  
**FOTO DA AUTORA** Sharon Haridas

---

**DADOS INTERNACIONAIS DE  
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

D722a Doshi, Avni.  
Açúcar queimado / Avni Doshi ; trad. Adriana  
Lisboa. — Porto Alegre : Dublinense, 2021.  
272 p. ; 21 cm.

ISBN: 978-65-5553-028-5

I. Literatura norte-americana. 2. Romances  
norte-americanos. I. Lisboa, Adriana. II. Título.

CDD 813.5

Catálogo na fonte:  
Ginamara de Oliveira Lima (CRB 10/1204)

---

Todos os direitos desta edição  
reservados à Editora Dublinense Ltda.

**EDITORIAL**

Av. Augusto Meyer, 163 sala 605  
Auxiliadora • Porto Alegre • RS  
contato@dublinense.com.br

**COMERCIAL**

(51) 3024-0787  
comercial@dublinense.com.br

para Nishi, Naren e Pushpa,  
o Valente



*Ma, ami tumar kachchey aamar  
poriso diti diti biakul oya dzai*

Mãe, estou tão cansada,  
cansada de me apresentar a você

REHNA SULTANA, MÃE





**E**u estaria mentindo se dissesse que o sofrimento da minha mãe nunca me deu prazer.

Sofri em suas mãos quando criança, e qualquer dor que ela viesse a sentir depois disso me parecia uma espécie de redenção — o universo reencontrando seu equilíbrio, onde a ordem racional de causa e efeito se alinhava.

Mas agora já não consigo mais acertar as contas entre nós.

A razão é simples: minha mãe está se esquecendo, e não há nada que eu possa fazer a respeito. Não há modo de fazê-la lembrar das coisas que fez no passado, não há como cozinhá-la lentamente em sua culpa. Eu costumava evocar de modo casual exemplos da sua crueldade, enquanto tomávamos chá, e observar sua testa franzir numa carranca. Agora, na maior parte do tempo ela não consegue lembrar do que estou falando; seus olhos estão distantes, num contentamento perpétuo. Qualquer um que testemunhe isso toca minha mão e sussurra: Já basta. Ela não lembra, pobrezinha.

A simpatia que ela desperta nos outros faz nascer algo acre em mim.



**Suspeitei de algo** há um ano atrás, quando ela começou a andar pela casa durante a noite. Sua empregada, Kashta, me telefonava, assustada.

— Sua mãe está procurando forros de plástico — Kashta disse, numa ocasião. — Se por acaso você molhar a cama.

Segurei o telefone longe do ouvido e procurei meus óculos na mesa de cabeceira. Ao lado, meu marido ainda dormia, e seus tampões de ouvido reluziam com um brilho neon no escuro.

— Ela deve estar sonhando — eu disse.

Kashta não pareceu convencida.

— Eu não sabia que você costumava molhar a cama.

Desliguei o telefone e não consegui dormir pelo resto da noite. Até mesmo na sua loucura minha mãe conseguia me humilhar.

Um dia, a faxineira tocou a campainha em casa e Ma não sabia quem ela era. Houve outros incidentes — quando ela se esqueceu de como pagar a conta de luz e estacionou o carro na vaga errada na garagem do seu edifício. Isso foi há seis meses.

Às vezes sinto que consigo ver o fim, quando ela não for mais do que um vegetal apodrecendo. Quando não souber mais como falar, como controlar a bexiga e, em dado momento, como respirar. A degeneração humana faz pausas e tropeça, mas não regride.

Dilip, meu marido, sugere que a memória dela talvez precise de eventual exercício. Então, escrevo histórias do passado da minha mãe em pedacinhos de papel, que deixo nos cantos do seu apartamento. Ela os encontra de vez em quando e me telefona, rindo.

— Não posso acreditar que uma filha minha tenha uma caligrafia tão ruim.



**No dia em que esqueceu** o nome da rua em que mora há duas décadas, Ma me telefonou para dizer que tinha comprado um pacote de lâminas de barbear e não teria medo de usá-las se as circunstâncias deteriorassem ainda mais. Então começou a chorar. Pelo telefone, pude ouvir buzinas soando, gente gritando. Os sons das ruas de Pune. Ela começou a tossir e

perder o fio do pensamento. Eu podia praticamente sentir o cheiro da fumaça do riquixá motorizado em que ela estava sentada, a fumaça escura que exalava, como se eu estivesse parada bem ao lado dela. Por um momento, me senti mal. Deve ser o pior tipo de sofrimento — a consciência do seu próprio colapso, o castigo de observar enquanto as coisas começam a lhe escapar. Por outro lado, eu sabia que tudo aquilo era mentira. Minha mãe jamais gastaria tanto dinheiro. Uma caixa de lâminas de barbear, quando apenas uma bastaria? Ela sempre teve uma inclinação para exhibir suas emoções em público. Concluí que a melhor maneira de lidar com a situação era uma espécie de acordo: disse à minha mãe que não fosse dramática, mas registrei o incidente, para poder procurar as lâminas de barbear e jogá-las fora mais adiante.

Registrei muitas coisas relativas à minha mãe: a hora em que ela adormece à noite, quando os seus óculos de leitura escorregam por seu nariz oleoso, ou o número de folhados da Mazorin que ela come no café da manhã — tenho tomado nota desses detalhes. Sei das responsabilidades contornadas, e de quando a superfície da história foi polida para ficar bem suave ao toque.

Às vezes, quando a visito, ela me pede que telefone para amigos que já morreram faz tempo.

Minha mãe era uma mulher capaz de decorar receitas que só tinha lido uma vez. Podia se lembrar de variações do chá feito na casa de outras pessoas. Quando cozinhava, estendia a mão para pegar frascos e masalas sem levantar os olhos.

Lembrava da técnica que os vizinhos memon usavam para matar cabras durante o Bakra Eid no terraço acima do velho apartamento dos seus pais, para o horror do senhorio jainista, e de como o alfaiate muçulmano de cabelo eriçado uma vez lhe deu uma bacia enferrujada onde coletar o sangue. Ela me descreveu o gosto metálico, e como havia lambido os dedos vermelhos.

— A primeira vez que provei algo não vegetariano — ela disse.

Estávamos sentadas junto ao rio em Alandi. Peregrinos se lavavam e pranteadores mergulhavam cinzas. O rio turvo corria imperceptivelmente, cor de gangrena. Ma tinha querido sair de casa, sair de perto da minha avó e das conversas sobre o meu pai. Era um momento intermediário, depois que tínhamos deixado o ashram e antes que eles me mandassem para o internato. Houve um armistício entre mim e a minha mãe por um momento, quando eu ainda acreditava que o pior já tinha passado. Ela não me disse para onde estávamos indo no escuro, e eu não conseguia ler o letreiro de papel colado na dianteira do ônibus em que embarcamos. Meu estômago roncava, cheio de medo de que desaparecêssemos outra vez em mais um dos impulsos da minha mãe, mas ficamos perto do rio onde o ônibus tinha nos deixado e, quando o sol nasceu, a luz desenhou arco-íris nas poças de gasolina que tinham se formado na superfície da água. Quando o dia esquentou, voltamos para casa. Nani e Nana estavam transtornados, mas Ma disse que não tínhamos saído do condomínio onde morávamos. Acreditaram nela porque era o que queriam fazer, embora sua história fosse improvável, já que o condomínio onde o prédio deles ficava não era grande o suficiente para que alguém se perdesse ali. Ma sorria enquanto falava — ela mentia com facilidade.

Me impressionava que ela fosse tão boa mentirosa. Durante algum tempo, eu quis imitar essa qualidade; parecia a única característica útil que ela possuía. Meus avós perguntaram ao vigia, mas ele não tinha como verificar nada — com frequência dormia nas suas horas de trabalho. Então ficamos nesse impasse, como aconteceria tantas vezes no futuro, cada um aferrado às suas mentiras, certos de que seu próprio interesse pessoal prevaleceria. Repeti a mentira da minha mãe quando mais tarde voltaram a me questionar. Eu ainda não aprendera o que significava ser dissidente. Era dócil como um cachorro.



**Às vezes me refiro** a Ma no passado, embora ela ainda esteja viva. Isso ia magoá-la se ela conseguisse registrar a informação por tempo suficiente. Dilip é sua pessoa favorita no momento. É o genro ideal. Quando se encontram, não há expectativas nublando o ar ao seu redor. Ele não se lembra dela como ela era — aceita ela como ela é, e não se importa em se apresentar de novo se ela esquecer o nome dele.

Eu gostaria de ser assim, mas a mãe que lembro aparece e some diante de mim, uma boneca a pilha cujo mecanismo está com defeito. A boneca se torna inanimada. O encanto se quebra. A criança não sabe o que é real e com o que pode contar. Talvez nunca tenha sabido. A criança chora.

Eu gostaria que a Índia permitisse o suicídio assistido, assim como a Holanda. Não apenas pela dignidade do paciente, mas por todos os envolvidos.

Eu deveria estar triste e não zangada.

Às vezes choro quando não tem ninguém por perto — estou de luto, mas ainda é cedo demais para queimar o corpo.



**O relógio na parede** do consultório médico exige minha atenção. O ponteiro das horas está no número um. O ponteiro dos minutos repousa entre o oito e o nove. A configuração permanece desse modo por trinta minutos. O relógio é um remanescente de outro tempo e vai se apagando, quebrado, nunca substituído.

A parte mais diabólica é o ponteiro dos segundos, que, como a varinha de uma bruxa, é a única peça do relógio que se move. Não apenas para a frente, mas para trás também, de um lado para o outro num ritmo errático.

Meu estômago ronca.

Um suspiro audível vem dos outros que esperam quando o ponteiro dos segundos para por completo de se mover, mas só está se fazendo de morto por um momento até recomeçar. Decido não olhar para ele, mas o ruído que faz ecoa pela sala.

Olho para minha mãe. Ela cochila na cadeira.

Sinto o som do relógio se mover através do meu corpo, alterando minha frequência cardíaca. Não é um tique-taque. Um tique-taque é onipresente, uma pulsação, uma respiração, uma palavra. Um tique-taque contém ressonância biológica, algo que posso internalizar e ignorar. Este é um tique-tique-tique, seguido de um tempo de silêncio, e um taque-tique-taque.

A boca de Ma se abre, disforme como uma sacola de plástico.

Através do painel ondulado de vidro posso ver um grupo de funcionários reunidos em torno de uma mesa estreita, escutando comentários sobre um jogo de críquete, regozijando-se na transmissão de glória que emana do alto-falante. O ruído do relógio muda outra vez.

Dentro da sala de exames, nos deparamos com outro tipo de relógio, que o médico desenha em papel branco, sem incluir os números.

— Preencha isto, sra. Lamba — ele diz à minha mãe.

Ela pega a lapiseira da mão dele e começa no número um. Quando chega ao quinze, ele a interrompe.

— Pode me dizer que dia é hoje?

Ma olha para mim e depois outra vez para o médico. Ergue os ombros em resposta, e um dos lados se levanta mais do que o outro, algo entre um dar de ombros e um espasmo. Cada sinal da sua degradação física parece repulsivo. Olho para as paredes cor de creme. Os diplomas do médico estão tortos.

— Ou o ano?

Minha mãe faz que sim lentamente.

— Comece com o século antes do ano — ele diz.

Ela abre a boca e os cantos dos seus lábios apontam para baixo, como um peixe.

— Mil novecentos... — ela começa a dizer, e seu olhar se perde na distância.

O médico inclina a cabeça.

— A senhora quer dizer dois mil, eu imagino.

Ela concorda e sorri para ele como se estivesse orgulhosa

de algum feito. O médico e eu nos entreolhamos em busca de uma resposta.

Ele então diz que em casos especiais tiram fluido da espinha, mas ainda não concluiu se Ma é um caso especial. Em vez disso ele faz tomografias, tira sangue, verifica orifícios e glândulas, dispõe o mapa do cérebro dela contra uma placa de luz. Analisa sombras e padrões e busca buracos negros. Ela tem o cérebro de uma jovem, ele insiste, um cérebro que faz o que deveria fazer.

Eu pergunto o que um cérebro deveria fazer. Disparar neurônios e estalar com correntes elétricas?

Ele aperta os olhos e não responde. Os músculos no seu queixo lhe dão uma cabeça quadrada e uma leve projeção da mandíbula superior.

— Mas minha mãe está se esquecendo — eu digo.

— Sim, é verdade — ele diz, e eu começo a discernir um ceceio.

O médico desenha num novo pedaço de papel uma nuvem fofa que em tese é um cérebro. Levanta a caneta da folha cedo demais e as linhas curvas não se tocam nas extremidades, como se a nuvem estivesse vazando.

— Devemos esperar declínio cognitivo que vai se manifestar em perda de memória e mudanças de personalidade. Não será muito diferente do que já observamos. Do que você já observou — ele esclarece. — É difícil dizer quanto a sua mãe está notando.

Com um lápis, ele destaca áreas onde a função sináptica está declinando, onde os neurônios estão morrendo. A imaculada nuvem branca começa a parecer superpovoada. Agora a abertura onde ele não completou a forma parece uma bênção, um modo de deixar algum ar entrar. O neocórtex, o sistema límbico e as áreas subcorticais estão mapeados com traços descuidados. Sento sobre as minhas mãos.

O hipocampo é o banco da memória e, nessa doença, os cofres estão sendo esvaziados. A memória de longo prazo não pode ser formada, a memória de curto prazo desaparece no

éter. O presente se torna algo frágil que, momentos depois, parece nunca ter acontecido. Conforme o hipocampo enfraquece, o espaço pode parecer diferente, distorcido.

— Ela já teve algum traumatismo craniano que você esteja a par? Já teve, até onde você tem conhecimento, exposição prolongada a alguma toxina? Talvez algum metal pesado? Alguma outra pessoa na família já teve problemas de memória antes? E algum problema de imunidade? Me desculpe, mas temos que perguntar sobre HIV e aids.

As perguntas saem da sua boca antes que eu tenha tempo de responder e me dou conta de que o que digo pouco importa ao fim. A diligência prévia não vai mudar o que compartilhamos nesse consultório, e a história de Ma não terá relevância diante do seu diagnóstico.

Dentro das curvas da nuvem, ele desenha um asterisco. Ao lado, escreve “placa amiloide”. As placas são formações de proteína que normalmente aparecem no cérebro dos pacientes com Alzheimer.

— Viu uma dessas na tomografia? — pergunto.

— Não — ele diz. — Não ainda, pelo menos. Mas sua mãe está se esquecendo.

Digo a ele que não entendo como isso pode estar acontecendo e, em resposta, ele lista algumas drogas farmacêuticas no mercado. Donepezil é a mais popular. Ele a circunda três vezes.

— Quais são os efeitos colaterais?

— Pressão alta, dor de cabeça, problemas estomacais, depressão — ele olha para o teto e aperta os olhos, tentando se lembrar de outros. No desenho, a placa amiloide não parece tão ruim assim. É quase mágica, um emaranhado solitário de linhas. Digo isso em voz alta e me arrependo no instante seguinte.

— Ela tricota? — ele pergunta.

— Não. Ela odeia tudo o que pareça doméstico. Exceto cozinhar. É uma cozinheira maravilhosa.

— Bem, isso não vai ajudar. Receitas são algo notoriamente difícil de acertar. Fazer tricô, quando isso se torna

memória muscular, é uma atividade que pode pegar um atalho por certas partes do cérebro.

Dou de ombros.

— Acho que posso tentar. Ela vai detestar a ideia.

— Nada mais acerca do seu cérebro é garantido — ele diz. — Ela pode ser uma pessoa totalmente diferente amanhã.

Na saída, o médico me pergunta se temos algum parentesco com um Dr. Vinay Lamba, um médico mais velho num importante hospital em Mumbai. Digo a ele que não, e ele parece desapontado, triste por nós. Me pergunto se inventar uma relação poderia ter ajudado.

— Sua mãe mora com alguém, marido ou filho? — ele pergunta.

— Não — eu digo. — Ela mora sozinha. Neste momento.



— **Não roa as unhas** — Ma diz a caminho de casa.

Coloco a mão direita de volta na direção e tento não agarrá-la, mas minha mão esquerda se move automaticamente até minha boca.

— Não é a unha, na verdade, que eu estou roendo, é a cutícula.

Ma diz que não liga para a diferença e acha uma vergonha que os meus dedos tenham essa aparência, já que estou sempre fazendo tanta coisa com as mãos. Fico sentada em silêncio enquanto ela fala durante o resto do trajeto, ouvindo menos o que ela diz do que como ela diz, o ritmo e a hesitação na sua voz quando ela não diz o que gostaria de dizer, se atrapalha, insere uma reprimenda para disfarçar a sua própria incerteza. Ela pede desculpas, diz que eu sou a culpada pelos meus erros, me agradece e suspira, massageando as têmporas. Seus lábios afundam onde faltam dois dentes na parte lateral da boca, e seu aspecto é o de quem comeu algo amargo.

Pergunto à minha mãe com quem ela está falando, mas ela não responde. Olho para o banco de trás, pelo sim, pelo não.

Em seu apartamento, tomamos um chá com biscoitos digestivos porque são os favoritos de Ma e o dia foi difícil. Digo a Kashta que faça uma pasta com mel e gengibre para minha garganta, que está coçando. Minha mãe não diz uma palavra enquanto dou as instruções.

— Acrescente um pouco de cúrcuma fresca — ela diz, um instante depois. — Só um pedacinho do tamanho do prepúcio de um bebê é suficiente.

Ela aperta a unha do polegar contra a ponta do dedo médio ao dizer isso, para dar a medida da quantidade exata. Em seguida abaixa os olhos para a xícara de chá, agitando uma elipse no seu firmamento.

— Por favor, não fale em prepúcio — eu digo, quebrando o biscoito ao meio.

— Qual o problema com um prepuciozinho de nada? Não seja tão pudica — ela lembra bastante bem como me insultar.

Seu apartamento está uma bagunça silenciosa. Junto três saleiros em um só. Uma coleção de jornais intocados se acumula na mesa de quatro lugares. Ma insiste em guardá-los, diz que vai lê-los um dia.

Esvazio um pequeno saco de feijão-mungo num thali de metal e começo a separar os grãos das pedrinhas. Kashta tenta tirar de mim o prato, mas eu a afasto. Quando termino, começo a separar o feijão-mungo por tons — verde militar, marrom acinzentado, bege. Minha mãe olha para pilhas individuais e sacode a cabeça. Estalo os dedos das mãos e continuo a separar. Sei que não fará diferença uma vez que estiverem todos na panela, mas agora já comecei e não posso parar, não posso parar de procurar diferenças até que eles estejam todos onde devem estar, codificados, cercados pelas próprias famílias.

Ma cochila no sofá e, por um momento, consigo imaginar qual será o seu aspecto quando ela morrer, quando seu rosto relaxar e o ar abandonar seus pulmões. Ao seu redor estão objetos, papéis, porta-retratos cheios de rostos que ela não vê faz anos. Em meio a essas coisas, seu corpo parece sem vida e solitário, e eu me pergunto se atuar para o mundo faz

circular algo vital, se a pressão de um público é o que obriga o sangue a ser bombeado. É fácil se desestruturar quando ninguém está olhando.

Meu antigo quarto fica separado do resto do apartamento, como um enxerto de pele estrangeira. Há uma ordem, uma simetria que eu deixei para trás — e que ela não conseguiu desfazer. Na parede, em molduras idênticas, estão esboços em preto e branco de rostos que eu pendurei com cinco centímetros de distância. A cama está feita; eu passo a mão sobre os lençóis para tirar os vincos, mas eles foram marcados a ferro no tecido.



**Desde as últimas eleições,** Ma grita com a televisão a cada vez que o novo primeiro-ministro aparece. Ele usa seu manto açafraão como o atributo de uma divindade hindu — com pregas estilizadas sempre no mesmo lugar. Ele é o motivo, ela diz, pelo qual ela nunca conheceu o verdadeiro amor.

Acordo na escuridão. Meu telefone está aceso com uma dezena de ligações perdidas de Dilip. Luzes chegam da sala de estar. Minha mãe deve estar assistindo bocas mudas, mas moventes, na tevê.

O céu está escuro, mas o complexo industrial a quinze quilômetros dali emite uma luz rosada como um prelúdio ao sol. Ma não está no sofá quando apareço e a princípio não a vejo, para atrás das cortinas transparentes, o corpo pressionado contra a janela. As cortinas de tecido, num padrão caxemira em cinza e branco, ocultam ela parcialmente, formando sombras no seu corpo. Através do tecido, vejo sua escura marca de nascença, um disco oblongo que interrompe sua omoplata, um alvo nas suas costas. Seu peito está parado, como se não estivesse respirando.

Ela está nua e dá um passo para trás para olhar seu reflexo no vidro. Olha para o meu, que aparece ao seu lado, depois de um para o outro, como se não pudesse ver a diferença. Os opostos com frequência se assemelham.